

Humanismo e Transcendência na Literatura Infantil de Rubem Alves

Vanessa Meira¹

Resumo

Rubem Alves - teólogo, filósofo e psicanalista – foi um educador preocupado com questões humanistas, sempre intrigado com a natureza humana e com o mistério do transcendente. Alves dedicou muito tempo de suas reflexões humanistas ao seu encanto com o universo infantil. Escrevia para professores na intenção que estes olhassem com seriedade para as crianças e lhes dedicassem o tempo necessário para que elas fizessem as perguntas certas, e, juntos, encontrassem o caminho do conhecimento e das descobertas. Também se dedicou a escrever diretamente para as crianças, com a intenção de educar pela via dos afetos, despertar empatia e “criar a alegria de pensar”. Este artigo tem o objetivo de, por meio de uma pesquisa bibliográfica, transitar pelas histórias infantis de Rubem Alves, demonstrando sua coerência como humanista, educador e teólogo que compreendia que primeiro vem a vida, depois o pensar, que se dedicava a refletir sobre a teologia do cotidiano e sobre o sagrado nos pequenos detalhes da vida humana. As reflexões de Rubem Alves serão cotejadas e enriquecidas com as propostas de outros pensadores, como Antonio Vidal Nunes, Mario e Diana Corso, e outros. Conhecedor da importância de se entender a trajetória humana e de tentar compreender o ser humano, suas potencialidades e inclinações, para só então, compreender o trajeto individual da pessoa humana em direção ao transcendente. Alves definiu a religião e a religiosidade como os anseios e sonhos mais profundos que o homem tem em seu coração. Por isso, escrevia histórias infantis com delicadeza e leveza, porém, repletas de significados profundos, que muitas vezes as crianças sequer conseguem nomear. Usando o simbólico, o metafórico e o alegórico, a obra de Rubem Alves convida crianças e adultos, ora a uma viagem para dentro de si mesmos, outrora pisando nas pegadas deixadas pelo outro, e sempre em direção ao sagrado. O humanismo e a transcendência se encontram na literatura infantil de Rubem Alves, pois, para ele, Deus é um outro nome para a esperança humana, e a esperança é o que mantém o indivíduo esperando e sonhando.

Palavras-chave: Humanismo; Literatura Infantil; Rubem Alves; Transcendência

Introdução

Rubem Alves se apresentava como educador. Ele costumava dizer que ele era um educador que ensinava de uma forma diferente: contando histórias. E com um currículo tão vasto, porque se apresentar como educador? Ele próprio responde: “Sou educador porque sou apaixonado pelo homem. Desejo criar condições para que cada indivíduo atualize todas as suas potencialidades” (ALVES, 2008, p. 8). Essa paixão pela pessoa humana, pelos processos de aprendizagem e pela

¹ Mestra em Teologia (Faculdades EST, São Leopoldo), doutoranda em Teologia (Faculdades EST, São Leopoldo), bolsista da CAPES, e-mail: <vanessarmeira@gmail.com>.

curiosidade infantil (e pela ausência de curiosidade na fase adulta), motivou Alves a tentar compreender um pouco mais sobre a humanidade, suas angústias e anseios. Psicanalista, teólogo, e nesse processo, tornou-se escritor. Escrevia a partir de reflexões de acontecimentos que impactavam sua vida e suas palavras encontram abrigo no interior dos sujeitos leitores, pois Alves fala sobre si mesmo, de sua humanidade, mas também fala sobre o outro, ele atravessa a superfície e encontra eco nas funduras da humanidade.

Rubem Alves conhecia o poder da narrativa, da metáfora e da poesia. Ele sabia que as palavras encontram o caminho do interior do sujeito e que esse mesmo sujeito precisa e quer percorrer o caminho da interioridade para se conhecer e construir sua identidade. Rubem Alves recorria, com frequência, a um trecho de um dos poemas de Carlos Drummond de Andrade que questionava: "Como decifrar pictogramas de há dez mil anos se nem sei decifrar minha escrita interior?" (ANDRADE, 1984, p. 29) exemplificando como os poetas, desde tempos imemoriais, já procuravam compreender a essência humana, aquilo que Drummond chamava de "o desconhecido que me habita" (ANDRADE, 1984, p. 29), percorrendo os caminhos da interioridade por meio de narrativas e rimas.

A obra de Alves é extremamente vasta, porém, neste trabalho analisaremos apenas duas estórias infantis: *A pipa e a Flor* e *O medo da sementinha*, escolhidas justamente pela profunda noção do valor humano que Alves incansavelmente escrevia em seus textos e revelava em cada detalhe de sua vida.

1 O poeta místico, a paternidade e suas estórias

Na tentativa de deter o fluxo por meio das palavras, tentando traduzir a experiência (AUSTER, 2013), Alves entendeu que narrativas e poemas alcançariam fundo a psique humana, sem resistências. Rubem Alves escrevia apaixonadamente para educadores, e, com a mesma paixão, escrevia para crianças. Em suas estórias, ele expressava todo seu amor pela humanidade, toda sua perplexidade frente ao transcendente, toda sua fragilidade diante da impotência de deter a passagem do tempo e a dor da ausência. Ele escreveu:

É assim que ficam os meus olhos, é assim que fica o meu mundo, quando a saudade se aconchega no meu colo, quando a velhice brinca comigo... Os olhos normais veem as ruas, os muros, os jardins, do jeito mesmo como eles são, do jeito mesmo como apareceriam se deles se tirasse uma fotografia. Já os olhos que a saudade encantou ficam dotados de estranhos poderes mágicos: eles veem as ausências, o que não está lá mas que o coração deseja (ALVES, 1998, p. 66).

A obra alvesiana é imensa, diversa e dividida em três momentos: primeira fase conhecida como Fase Teológica, segunda fase nomeada de Fase Teólogo-Filósofo Heterodoxo e a terceira fase chamada de Poeta-Místico (NUNES, 2007). E sua mudança na forma de pensar é atravessada por sua experiência pessoal: “Entre os fatos que o levaram a realizar sua terceira metamorfose encontra-se o nascimento de sua filha, Raquel, em 1975” (NUNES, 2007, p. 42). Esse acontecimento “libertou de vez, o poeta e místico que viveu sufocado ao longo de sua vida” (NUNES, 2007, p. 42).

O nascimento de Raquel foi para Rubem Alves, “uma verdadeira experiência de conversão” (NUNES, 2007, p. 42), no mais completo sentido da palavra, uma mudança de rota, uma desorganização de seus valores, que o fez reorganizar suas crenças. No momento do nascimento de Raquel, nasceu *o pai*, e à medida que o pai se constituía, se apropriava de suas funções, gestava também, muitas estórias. Todos os nascimentos, reorganizações, desconstruções e reconstruções foram geradas pela necessidade: Raquel nasceu com fissura labial palatal. A menina precisou passar por inúmeras cirurgias, que lhes causavam dores físicas e emocionais. E “Alves querendo ajudar a filha em seu sofrimento passou a lhe escrever e a lhe contar histórias. Era a forma que encontrava para se comunicar com a filha e ajudá-la a aliviar sua dor” (NUNES, 2007, p. 44-45).

A linguagem é memória e horizonte da experiência humana, memória por carregar tudo que o homem conquistou ao longo da história, onde reside a base do acervo das experiências de uma cultura (NUNES, 2008), a linguagem quando usada de forma intencional, como semente, encontra na criança um terreno muito fértil, e a medida que estórias são ouvidas ou lidas, impressões são deixadas de forma muito profunda, como disse Ana Maria Machado (2002), talvez, seja porque a mente infantil é virgem, tão disponível e carregadas de emoção.

Ouvir estórias na infância é importante para a formação de qualquer criança: “escutá-las é o início da aprendizagem para ser um leitor, e ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descoberta e de compreensão do mundo” (ABRAMOVICH, 1995). Alves entendia isso perfeitamente, desejava este caminho infinito para Raquel, e o desejava para todas as crianças. Ele observa, ainda, que ao findar uma estória ou poema, algo sempre surge. Sempre nasce alguma coisa quando a narrativa acaba. O autor cita Fernando Pessoa, dizendo que ele sabia que aquilo que o poeta quer comunicar não se encontra nas palavras que ele diz, “antes,

aparece nos espaços vazios que se abrem entre elas, as palavras. Nesse espaço vazio se ouve uma música. Mas essa música – de onde vem se não foi o poeta que a tocou?” (ALVES, 2008b, p. 12). A canção que toca ao findar de uma narrativa ou poema, é justamente o brotar de uma reflexão acerca de sentimentos. E não sabemos quais as cores das flores que brotarão. Cada sujeito produz reflexões distintas e delas podem brotar as mais variadas flores e frutos.

Alves conta que o trabalho de criação de suas histórias era um prazeroso trabalho de equipe. Sua filha Raquel, inconscientemente lhe oferecia o tema, o autor passava alguns dias a respeito do tema, criava o enredo e “depois apresentava à Raquel uma versão poética de suas angústias e ansiedades” (NUNES, 2007, p. 45). As narrativas nomeiam sentimentos e angústias, ajudam o sujeito a compreender seu entorno, a entender como se sente a respeito das demandas cotidianas e emergenciais da vida. De cada situação vivida por Alves e Raquel, brotaram reflexões coloridas que geraram estórias ricas em significados. O sujeito como ser simbólico, em qualquer fase da vida, pode encontrar identificação nas diversas narrativas criadas por Rubem Alves, que pode ajudar a lidar com as demandas da vida, a encontrar novos caminhos, a traduzir e curar dores, pois como ilustra Celso Gutfreind (2014), ler, escrever, ouvir e contar são os mais sagrados dos remédios.

2 As narrativas e os sentimos humanos nomeados

Leopoldo Cervantes-Ortiz (2007, p. 239) afirma que, num certo momento de sua vida, Alves “saiu, para sempre, do gueto das Igrejas para entrar plenamente no terreno da imaginação”, usando metáforas e simbolismo, Alves escrevia estórias para pequenos e grandes, trabalhando as palavras de forma a provocar profundas reflexões, um labor diligente e necessário, para acender felicidade em quem lesse. Para ele:

As pessoas trabalhavam com as palavras da mesma forma como o pintor trabalha as tintas, o seleiro trabalha o couro, o pedreiro trabalha os tijolos. Palavras são coisas. A estória, um objeto concreto que se insere no mundo e convida à admiração de todos (ALVES, 1995, p. 57).

Para Alves, intermediar a realidade com símbolos, por meio de narrativas, é uma necessidade do sujeito, Ernst Cassirer (1969) afirma que a pessoa humana vive num universo simbólico e não pode se defrontar com a realidade sem intermediários e é exatamente este interposto poético que Alves oferece em suas estórias. Por meio delas, Alves oportuniza o encantamento através das palavras, o ajuste das sensibilidades e a saciedade de algo, que para o autor é essencial: “Ele (*o sujeito*)

precisa de palavras. Porque é nelas que mora a esperança” (ALVES, 1986, p. 53). Para o autor, enquanto existe esperança “a vida luta” (ALVES, 1994).

Alves precisou se ausentar do Brasil quando sua filha Raquel tinha cinco anos de idade, a dor da despedida e as tentativas de fazê-la entender os motivos de sua viagem, deram origem a algumas estórias belíssimas, que faz com que o pequeno leitor compreenda a saudade e entenda a necessidade da liberdade nos relacionamentos. *A menina e o pássaro encantado* foi traduzido para muitos idiomas e marca um momento pessoal da vida do autor, onde foi preciso fazer brotar a esperança num coração infantil. E assim, baseado nas dores, nas angústias e nas alegrias humanas, Rubem Alves seguiu criando profundas estórias repletas de simbolismos que são excelentes ferramentas promotoras de reflexões para pequenos e grandes.

3 Estórias e educação das sensibilidades

Alves faz uma distinção importante entre história e estória:

“História” é aquilo que aconteceu uma vez e não acontece nunca mais. “Estória” é aquilo que não aconteceu nunca porque acontece sempre. A “história” pertence ao tempo; é ciência, enquanto a “estória” pertence à eternidade; é magia (ALVES, 2008c, p. 203-204).

Para o autor, quem sabe *a história* fica do mesmo jeito, mas quem ouve uma *estória*, fica de outro jeito (ALVES, 2008), ele afirma ainda que os diferentes tipos de comportamento humano são herdados por meio da linguagem e não por herança biológica (ALVES, 1982). Portanto, o ato de ouvir estórias, a magia das palavras, constitui o sujeito e pode moldá-lo, influenciando inclusive em sua personalidade, que de acordo com o autor é “uma estrutura de hábitos de linguagem” (ALVES, 1982, p. 62).

Por entender a importância da linguagem, a importância de utilizar-se da magia das palavras, Alves tinha preferência pelo uso e sugestão de duas palavras importantes: esperança e liberdade, ecos de uma canção que ninguém tocou. Ele cita Fernando Pessoa, quando fala sobre comunicar algo que não se encontra nas palavras que ele diz, “antes, aparece nos espaços vazios que se abrem entre elas: as palavras. Nesse espaço vazio se ouve uma música. Mas essa música – de onde vem se não foi o poeta que a tocou?” (ALVES, 2008, p. 12). Em todas as suas estórias, o autor leva o leitor a ouvir o som da reflexão, a música que toca quando a estória acaba. Essa canção leva o leitor a *esperançar*. Algumas vezes, *esperançar a*

partir de temas extremamente complexos e dolorosos. Como na estória *O medo da sementinha*.

O medo da Sementinha é uma das estórias de Rubem Alves que permite a elaboração de dores recentes e dores adormecidas, ela fala de finalização de etapas, momentos de transição. É a estória de uma sementinha que precisava decidir se ficaria com sua mãe, amedrontada com a possibilidade de se afastarem, se tornando uma semente seca, que jamais brotaria. Ou enfrentaria seus medos e ansiedades, voaria com o vento, pousaria na terra e brotaria, tornando-se uma grande árvore, que daria origem a novas sementes e reiniciaria o ciclo natural da vida.

Pessoas que precisam se mudar de país, crianças que precisam trocar de escola, mulheres adultas que precisam decidir se serão mães ou não... Tem em comum o medo da mudança e algumas vezes, o medo da estagnação. É o mesmo dilema da sementinha. Alves diz que em toda sementinha mora uma grande árvore, a semente só precisa se deixar levar pelo vento, se encorajar e encontrar um lugar para germinar.

Quando o vento sopra forte, num piscar de olhos, o sujeito precisa esquecer a vida de sementinha para assumir uma vida de árvore. Para as crianças essa história pode trazer muitas interpretações grandiosas sem perder a leveza de uma estória. Alves faz isso usando símbolos para construir sua reflexão, para ele “é sempre mais fácil falar sobre si mesmo fazendo de conta que se está falando sobre flores, sapos, elefantes, patos...” (ALVES, 1987a, p. 5).

A ideia inicial de Rubem Alves com essa narrativa, era trabalhar o conceito de morte. Ele deixa essa intenção clara no início:

Da morte nada sabemos. Só sabemos as estórias contadas do lado de cá, palavras que sobre ela colocamos, a fim de torná-la uma presença menos ameaçadora. Com o símbolo da semente tentei criar imagens nas quais a vida e a morte aparecessem como amigas, pulsações de um grande mistério... Qual a vantagem de falar sobre isto? É simples. Quem não fala sobre a morte acaba por se esquecer da vida. Morre antes, sem perceber... (ALVES, 1987a, p. 7).

O medo do que pode-se encontrar do *lado de lá*, a ansiedade e a angustia de se pensar nos que ficarão, não são eliminados ao se ler esta estória, mas Alves deixa claro que este é o ciclo. Outras sementinhas já voaram com o vento e que a morte é certa: querendo ficar, a semente seca e morre, se encorajando para ir, ela deixará para sempre de ser semente. A diferença entre as duas possibilidades é o abraço da terra e o recomeço do ciclo. Citando o poema *Enterro dos Mortos*, de T.

S. Eliot, onde ele pergunta: “E o cadáver que você plantou no seu jardim o ano passado – Ele já começou a brotar? Será que dará flores esse ano?” (ELIOT *apud* ALVES, 1998). O autor afirma que cada sepultamento é um plantio, por isso o costume de enterrar os mortos “com mil cuidados a regar a semente com lágrimas” (ALVES, 1998, p. 142). Segundo ele, Jesus também acreditava na necessidade da morte da semente para que ela pudesse dar frutos (ALVES, 1998, p. 142). A estória da sementinha não traz respostas acerca da morte, mas traz alento, conforto e propósito dentro de um tema tão difícil de se tratar.

A estória segue contando da surpresa de uma sementinha que, vivia tranquila dentro de sua árvore/mãe e não conhecia nada do mundo de fora. E, num dia, tudo muda quando ela percebe que por uma rachadura entra luz, e seu mundinho, que antes era escuro e quentinho, conhece luz. Porém, ao sair de sua mãe/árvore ela conhece a beleza do mundo, a grandeza da mãe que ela só conhecia por dentro, sol, passarinhos, borboletas, abelhas. Após se encantar com o mundo, amar sua mãe ainda mais, ela recebe a notícia que a vida continuaria mudando. A notícia veio por meio de sua mãe/árvore:

Sementinha, dentro de pouco tempo o vento vai soprar mais forte. Quando isto acontecer, você vai partir para longe, numa longa viagem, voando, flutuando, como se fosse um floquinho de algodão. Vê esta penugem fofa, branca e leve que a envolve? É para isto: para que você fique leve e possa voar, nas costas do vento. (...) É preciso partir, para continuar a viver. Sementinha que não parte acaba morrendo (ALVES, 1987, p. 14-15).

A sementinha precisava partir, permitir ser abraçada pela terra para então, renascer como um broto e logo seria uma grande árvore, como sua mãe. E o ciclo recomeçaria por meio dela. As transições envolvendo as vivências da infância, adolescência, vida adulta e maturidade são contempladas nessa metáfora.

O amor da sementinha por sua mãe, a ternura e a angústia da separação, é uma realidade muito presente na vida da criança. A leitura de trechos como o que a sementinha chorou, ensina que partir é muito triste. “A velha árvore chorou também” (ALVES, 1987a, p. 15) mostra para a criança que a dor dela é também a dor de sua cuidadora. O seu processo de maturação assusta também a velha árvore justamente pelo que se deixa para trás quando se caminha rumo ao amadurecimento, “afinal de contas, não se chega à maturidade sem perdas” (CORSO; CORSO, 2006, p. 68). Percebe-se a riqueza, a profundidade e o genuíno amor pelo ser humano numa pequena estória de pouco mais de vinte páginas.

Rubem Alves também fala de relacionamentos, dos sentimentos que moram na convivência com o outro e da sacralidade do respeito com o próximo. *A Pipa e a Flor* é uma das histórias mais significativas na obra de Alves, que se trata de relacionamentos. Nela, o autor evidencia a importância de se educar os afetos das crianças, fazê-las compreender e nomear alguns sentimentos, dando oportunidade para esse processo. Alves, nessa incrível história sem final definido, trabalha sentimentos como inveja e ciúmes com a leveza de uma pipa solta ao sabor do vento mas com a profundidade das raízes de uma velha árvore.

Ciúme e inveja são assuntos recorrentes nas histórias clássicas, são sentimentos que, desde a mais tenra idade, aprendemos que são feios, reprováveis e que habitam apenas o coração das bruxas malvadas e madrastas más. Porém, Rubem Alves mostra que a inveja e o ciúme também podem nascer no coração de uma Florzinha, que é alvo de amor e dedicação.

A narrativa começa falando da alegria de um menino que acabara de construir sua pipa. A pipa foi feita para ser feliz, no momento da sua criação o garoto “fez nela uma cara risonha, colando tiras de papel de seda vermelho: dois olhos, um nariz, uma boca” (ALVES, 2018, p. 9). Ele segue narrando as peraltices da pipa pelo ar, até que ela olha para baixo e vê uma flor. A pipa já tinha visto muitas outras flores “só que desta vez os seus olhos e os olhos da flor se encontraram, e ela sentiu uma coisa estranha. Não, não era a beleza da flor. Já vira outras, mais belas. Eram os olhos” (ALVES, 2018, p. 11). Esse é um dos trechos importantes da narrativa.

Rubem Alves em muitos de seus textos fala da educação do olhar, de ensinar a ver e da importância do enxergar além do que os olhos veem, fala que embora já tenha lido muitos livros sobre psicologia da educação, sociologia da educação, filosofia da educação e didática, não conseguia se lembrar de qualquer referência à educação do olhar, ou à importância do olhar na educação, em qualquer um deles (ALVES, 2015, p. 35). O olhar e a forma de olhar são sempre objetos de grandes reflexões para o autor, ele costumava escrever que “observar é olhar devagarinho, sem pressa...” (ALVES, 2014, p. 34). E neste ponto da narrativa Alves (2018, p. 11) diz que os olhos não são diferentes apenas nas cores e é a primeira lição da história para as crianças:

Há olhos que agradam, acariciam a gente como se fossem mãos. Outros dão medo, ameaçam, acusam, quando a gente se percebe encarados por eles, dá um arrepio ruim pelo corpo. Tem também os olhos que colam, hipnotizam, enfeitiçam... (ALVES, 2018, p. 11).

A criança instintivamente já sabe disso, ela percebe os olhares e os classifica intuitivamente, mas finalmente alguém coloca em palavras, ajudando na compreensão de uma ideia que passava furtivamente pela mente infantil, quando em algum momento se sentiu ameaçada, ou amada, pelo simples olhar de outra pessoa. Saber reconhecer olhares é algo que não consta no currículo escolar e os pais e cuidadores raramente se atentam para esse tipo de ensino, mas aí está, a arte e as narrativas a serviço do desenvolvimento humano, a serviço da educação da sensibilidade e dos afetos. Alves também fala de olhos que enfeitiçam.

E foi o que aconteceu com a Pipa: ela se enfeitiçou, se encantou pela Florzinha e “só queria uma coisa: fazer o que a Florzinha quisesse” (ALVES, 2018, p. 12). A criança vive esse sentimento na vida social, quem trabalha em escolas percebe isso facilmente. A criança faz uma amizade e ama tanto esse amigo ou amiga que quer ser como ele(a), ou quer ser como o(a) amigo(a) quer que ela seja. Corso e Corso (2006, p. 275) escreveram a respeito:

Normalmente, os dissabores da vida social infantil reverberam mais dolorosamente como lembranças, em memórias ocorridas num tempo posterior ao vivido. Por exemplo, se quando crianças sofremos o jugo de um amigo ou irmão autoritário, que se mostrava bastante sádico conosco, isso será muito ruim de viver, de fato, mas quando lembrarmos disso, depois de crescidos, compreenderemos o quanto éramos trouxas, nos revoltaremos pela incapacidade de reagir que tínhamos, adorariamos reencontrar a tal criança e ter a oportunidade de revidar.

Para os autores, quando se vive essa pressão, de estar sob o jugo do outro, especialmente na infância, a dor não é tão grande quanto a lembrança de ter vivido tal situação de forma passiva.

O amor da Pipa pela Florzinha era tão grande que ela queria viver exatamente da forma que fizesse a Florzinha feliz. E então, começaram os problemas da Pipa. Pois, de início, a Florzinha gostava de ver a Pipa voando lá no alto, e a Pipa pensou que seria muito mais gostoso voar bem alto sabendo que havia alguém muito amado lhe esperando lá embaixo. “Mas a flor, aqui de baixo, percebeu que estava ficando triste. Não, não é que estivesse triste. Estava ficando com raiva. Que injustiça que a pipinha pudesse voar tão alto e ela tivesse de ficar plantada no chão. E teve inveja da pipinha” (ALVES, 2018, p. 15).

A narrativa continua contando a amargura da Florzinha e os pensamentos que lhe ocorriam, então “à inveja juntou-se o ciúme” (ALVES, 2018, p. 15). No desabrochar da vida social da criança, ela alterna o papel de flor e de pipinha. Ora quer monopolizar um(a) amigo(a), ora é oprimido por uma amizade sufocante. Em geral, o sujeito só percebe essa dinâmica na vida adulta. Mas uma história como essa pode

ajudar a criança a compreender sentimentos como ciúme e inveja e encara-los como uma realidade para uma bruxa má ou para uma delicada flor.

A estória continua e “a flor começou a ficar malvada. Ficava emburrada quando a pipa chegava. Exigia explicações de tudo” (ALVES, 2018, p. 16). Rubem Alves (2015, p. 9) também fala que “o inferno começa no olhar do outro que pede que eu preste contas” e a Florzinha “aos poucos foi encurtando a linha” (ALVES, 2018, p. 16) da Pipa, que já não podia mais voar e “sua boca foi ficando triste. E percebeu que não gostava tanto da Flor como no início” (ALVES, 2018, p. 17). Então, Alves deixa claro que essa estória não é apenas a de uma pipa e de uma flor. Ele diz que “esta história não terminou. Está acontecendo bem agora, em algum lugar...” (ALVES, 2018, p. 17). Esta frase cria um elo com o(a) ouvinte/leitor(a), neste momento ele(a) pode refletir se é flor ou pipa, se tem encurtado a linha de quem se relaciona com ele(a), ou se anda tendo sua linha encurtada.

Rubem Alves propõe três finais. No primeiro, a pipa ficaria tão triste que resolve nunca mais voar e fica então “amarrada junto à flor, mas mais longe dela do que nunca, porque seu coração estava em seus sonhos de voos e nos risos de outros tempos” (ALVES, 2018, p. 18). O segundo final sugere que a florzinha seja uma borboleta enfeitiçada por alguma bruxa má, condenada a ficar fincada no chão e que “um dia vendo a pipa voar, ela se esqueceu de si mesma por um instante e ficou feliz em ver a alegria da pipa” (ALVES, 2018, p. 20), quebrando o feitiço, então borboleta e pipa brincariam juntas no céu. O terceiro e último final sugere a fuga da pipa para procurar outra “mão que ficasse feliz vendo-a voar nas alturas” (ALVES, 2018, p. 22). Assim, o ouvinte/leitor pode escolher um final para a história do livro e para a sua própria experiência de flor/pipa. Essa estória tem simbolismos importantes, trabalha sentimentos pouco explorados para as crianças e propõe um grande exercício de alteridade. O fato da flor e da pipa pertencerem a mundos diferentes aumenta a riqueza da narrativa, mostrando a importância do respeito, não apenas entre iguais, mas a necessidade do respeito e empatia entre os ditos, julgados ou realmente diferentes, desenvolvendo um olhar mais sensível a necessidades do outro.

Conclusão

Rubem Alves acreditava que uma educação efetiva precisa estar centrada na pessoa humana, na consciência de suas potencialidades, na educação das sensibilidades e na valorização das experiências humanas. Conhecedor da natureza

humana, Alves investiu tempo escrevendo para professores e para crianças, com o objetivo de que grandes lições chegassem até jovens *sementinhas*, para encorajá-las, revelar a importância da espiritualidade e contribuir para a construção de uma sociedade mais humana. Alves faz sua escolha pela brincadeira, pelos jogos de linguagem, pelas metáforas, rimas e orações para promover o prazer, a razão e os sentimentos através de belas e significativas narrativas. Alves extrai lições do cotidiano e do mundo natural, oportunizando ao leitor/ouvinte uma profunda viagem ao seu interior, ao mesmo tempo que incentiva um olhar manso aos que estão ao redor.

Referências Bibliográficas

ABRAMOVICH, Fani. *Literatura Infantil: Gostosuras e Bobices*. São Paulo: Scipione, 1995.

ALVES, Rubem. *Ensinar, Cantar, Aprender*. São Paulo: Papyrus, 2008 (2008a).

_____. *As melhores crônicas de Rubem Alves*. Campinas: Editora Papyrus, 2008 (2008b).

_____. *Sobre o tempo e a Eternidade*. São Paulo: Papyrus, 1998.

_____. *Estórias de quem gosta de ensinar*. São Paulo: Cortez, 1986.

_____. *O amor que acende a Lua*. São Paulo: Papyrus, 2008 (2008c).

_____. *Dogmatismo e Tolerância*. São Paulo: Paulus, 1982.

_____. *Variações sobre a vida e a morte: a teologia e a sua fala*. São Paulo: Paulinas, 1982.

_____. *O medo da Sementinha*. São Paulo: Paulus. 1987 (1987a).

_____. *Como nasceu a alegria*. São Paulo: Edições Paulinas, 1987 (1987b).

_____. *A Pipa e a Flor*. Americana: Adonis. 2018.

_____. *Por uma educação romântica*. Campinas: Papyrus, 2015.

_____. *Vamos construir uma casa? Doze lições para a educação dos sentidos*. Campinas: Papyrus, 2014

ANDRADE, Carlos Drummond. *Corpo*. Rio de Janeiro: Record, 1984.

AUSTER, Paul. *Todos os poemas*. Edição bilíngue. 1ª ed., São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

CASSIRER, Ernst. *An Essay On Man*. Nova York: Bantam Books. 1969.

CORSO, Diana L.; CORSO, Mário. *Fadas no divã: psicanálise nas histórias infantis*. Porto Alegre: Artmed, 2006.

GUTFREIND, Celso. *A infância através do espelho*. Porto Alegre: Artmed. 2014.

CERVANTES-ORTIZ, Leopoldo. O manancial Eterno: Teologia, Poesia e Liberdade em Rubem Alves. In: NUNES, Antônio Vidal. *O que eles pensam de Rubem Alves e de seu humanismo na religião, na educação e na poesia*. São Paulo: Paulus. 2007

MACHADO, Ana Maria. *Como e por que ler os clássicos universais desde cedo*. Rio de Janeiro: Objetiva. 2002.

NUNES, Antônio Vidal. *Etapas do Itinerário Reflexivo de Rubem Alves: a dança da vida e dos símbolos*. In: NUNES, Antônio Vidal. *O que eles pensam de Rubem Alves e de seu humanismo na religião, na educação e na poesia*. São Paulo: Paulus. 2007.

NUNES, Antônio Vidal. *Corpo, Linguagem e Educação dos Sentidos no Pensamento de Rubem Alves*. São Paulo: Paulus. 2008.